

Sociólogo de formação, Miguel Amado vê nas ideias o instrumento privilegiado da arte contemporânea. Os artistas são o núcleo do seu trabalho e o espaço de exposição o desafio do quotidiano, tão importante quanto a obra em si. Mora em Nova Iorque, onde vive 12 anos num, faz crítica de arte e concebe as mostras que assina

■ ISADORA ATAÍDE

"A arte contemporânea é a arte que está a ser feita hoje, agora." Miguel Amado é comissário e autor desta arte do presente, que não exige *atelier*, objecto de culto, génio criativo ou museu. As ideias são o instrumento, o pressuposto dessa urgência de expressão que ganha a forma de arte para reflectir o mundo. Para a arte do já, a inaugurar em Janeiro, Miguel prepara uma exposição da dupla Sara & André, "dos mais radicais" artistas portugueses da actualidade, que traçam paralelos com as obras do ontem e desafiam os colegas de profissão a intervir sobre a própria representação artística. Na arte do logo, a estreir em Março, Miguel estrutura uma retrospectiva de Joana Vasconcelos, a realizar-se no Museu Berardo. Remete o hábit da artista para trazer à tona "o desconhecido para além do consagrado". Em busca da arte que será, o comissário investiga anónimos, artistas portugueses em formação, e compra as suas obras para a colecção da Fundação PLMI. Medeia a desmistificação do objecto e do artista em harmonia com a crítica para a revista americana *Artforum* - *vade mecum* do meio. "O artista é o núcleo do meu trabalho, gosto dos objectos de arte, mas o que me dá gozo é discutir e perceber a linguagem do criador para mediá-la para o público. O comissariado de arte contemporânea exige parceria com o artista, partilha de ideias. Há uma dimensão criativa que me torna autor, não o artista. Como um cozinheiro, que reúne ingredientes, mistura-os e modifica."

No final dos anos 80 Miguel lia Bakunin e Thoreau

a licenciatura já que a experiência em economia naufragava. Optou por Sociologia na Universidade de Coimbra mas rejeitou as tradições de todo o género: praxes, associações académicas, tropa, consumo de carne, proibição do aborto. Entrincheirou-se no Centro de Estudos de Fotografia, onde colaborava na organização dos festivais, inclusive a erguer e a pintar paredes sob a batuta dos carpinteiros. Fez teatro e passou a integrar o Centro de Artes Visuais de Coimbra a tempo inteiro em 1998. Na altura marcou-lhe o arranque o director Albano Silva Pereira: "Ele disse-me 'vens para cá e olhas o que fazemos, depois vais para a biblioteca pesquisar e reflectir'. Sempre estive ligado à produção e à organização, nas artes o meu campo é o das ideias, da concepção. A arte tem de ser comprometida com o mundo, questionar o quotidiano para o subverter."

Sociólogo de formação, não se deixou seduzir pelo percurso académico e desconhecia a hipótese da carreira profissional em comissariado. A sua certeza era a da obrigatoriedade da formação especializada. Casou-se com uma bióloga - "a arte contemporânea é como a ciência, exige investimento para se conhecer os códigos, os instrumentos" - e mudou-se para Lisboa.

Entre visitas guiadas ao Centro de Arte Moderna da Calouste Gulbenkian, ganhava 35 euros por hora, frequentava um curso de gestão das artes no Centro Cultural de Belém. Projectos de exposição, *marketing* cultural e estratégia de parcerias compunham o programa. Despertou para a vereda da arte como profissão na rota da curadoria. Paixão antiga, ministrava cur-

As ideias e os espaços da arte

ramento quando - aluno do mestrado em Curadoria de Arte Contemporânea no Royal College of Art de Londres - ouviu do professor que "a arte contemporânea é a arte que está sendo feita hoje". Adoptou-a para si. "Iamos visitar as galerias da cidade, muitas vezes lugares pequenos e desconhecidos. Eu estava acostumado aos livros, aos museus, o meu olhar e os meus sentidos ampliaram-se. A arte contemporânea é uma experiência que mobiliza todos os sentidos. Os espaços de exposição proporcionam interacção entre o público, o artista e a manifestação artística, que pode ou não ser um objecto."

Identidade geracional

Miguel é atento. Divide a atenção sem perder o foco entre o que o rodeia, o que faz e aquilo que o move. Aos comissários e directores de museus portugueses enviava as "bonitas" brochuras do Royal College e narrava-lhes as suas experiências profissionais. Jorge Molder, então director do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, escolheu-o para assinar a mostra "7 Artistas ao 10." Mês na Edição de 2003. A exposição bi-anual que revela jovens talentos era a estreia ideal para o jovem comissário. "Há dúvida e angústia na hora de se incluir ou excluir artistas e obras. Depois há que argumentar e defender a escolha. O caminho mais fácil para se tornar comissário é associar-se a artistas consagrados. Desde o princípio dediquei-me a trabalhar com jovens e anónimos artistas, cria-se uma identidade geracional no pensar e agir. Há um novo paradigma na arte contemporânea, a forma de apresentação é tão

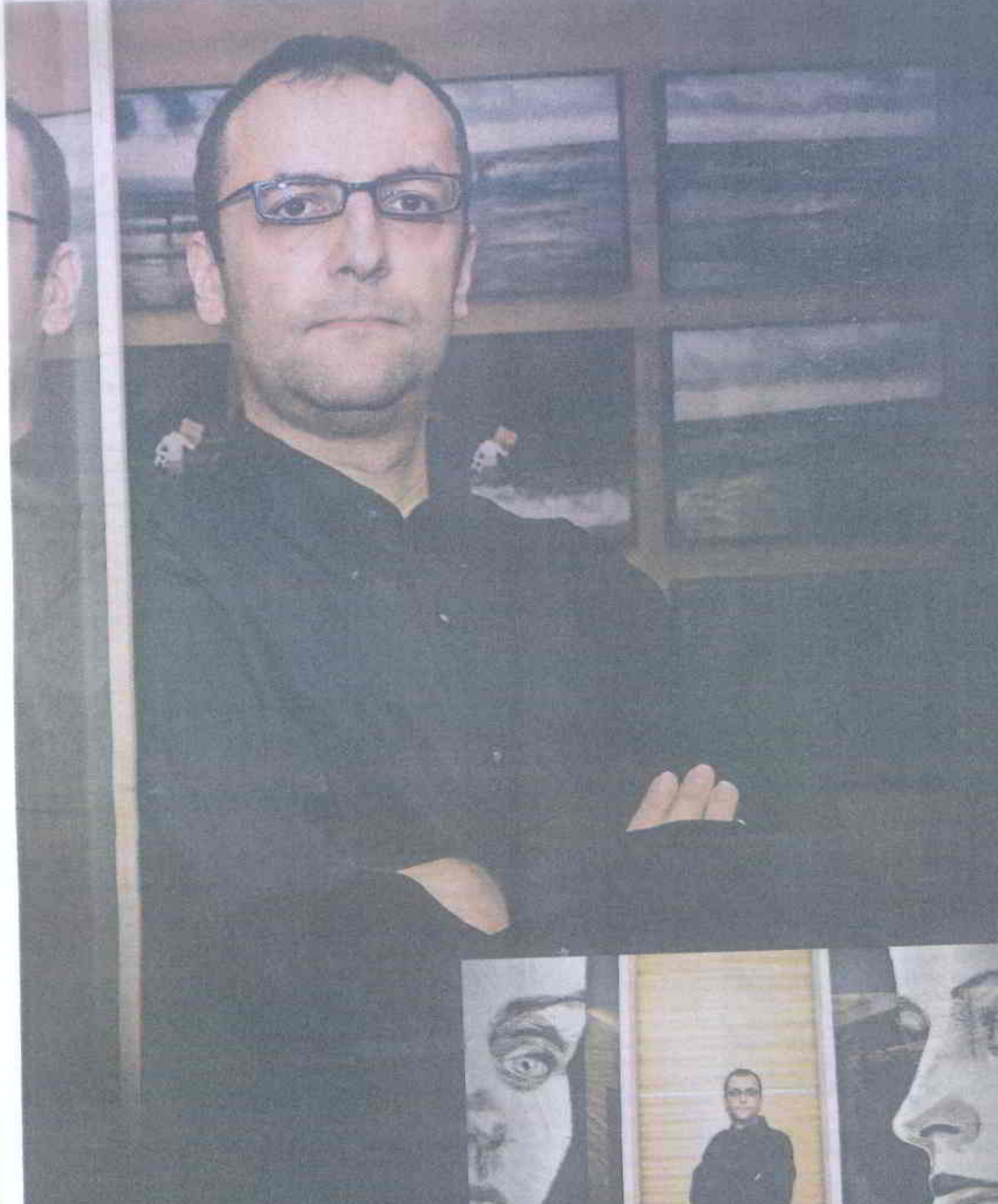
importante quanto a obra. Depois há que argumentar e defender a escolha. O caminho mais fácil para se tornar comissário é associar-se a artistas consagrados. Desde o princípio dediquei-me a trabalhar com jovens e anónimos artistas, cria-se uma identidade geracional no pensar e agir. Há um novo paradigma na arte contemporânea, a forma de apresentação é tão

Chegar ao outro

Sobre os artistas portugueses contemporâneos Miguel é categórico: "São bons e produtivos." Sim, o estado ampliou o seu investimento em cultura, embora permaneça aquém do parâmetro internacional. Sim, é complexo os mecenas privados financiarem projectos artísticos sem intervirem. Contudo, alerta, caberá aos museus, galerias e entidades criarem regras que evitem a interferência na produção e na mostra artística. "Para Portugal internacionalizar-se em relação à arte contemporânea precisa investir no intercâmbio de artistas, críticos e comissários portugueses. Estes são os melhores interlocutores, levam o que se faz aqui e trazem o que é feito fora de modo a dinamizar a arte produzida e mostrada no País."

A altura das paredes, a extensão do *hall* e a variedade de artistas que compõem a colecção do Museu Berardo são factores para Miguel. Desde





João Penalva
LM44/EB61
(1995)



Uma instalação assente na narrativa como dispositivo e que cruza realidade e ficção através da reunião dos mais dispares textos, imagens e objectos apresentados como elementos de um cenário. Vi esta obra, pela primeira vez, em Lisboa, em 1999, no âmbito de uma exposição antológica do artista que, à época, alterou radicalmente a percepção que tinha da arte contemporânea.

Thomas Hirschhorn
FlamaBasiolight



Uma intervenção no espaço público que exemplifica a prática activista que caracteriza a arte contemporânea que mais me interessa. Vi-a no âmbito da Documenta 11, em Kassel, Alemanha. O artista desenvolveu uma espécie de estrutura de apoio aos residentes num bairro social dos subúrbios de Kassel, maioritariamente habitado por imigrantes turcos. A colaboração entre o artista e a sua audiência local, bem como a participação desta no próprio projecto, que visava a sua emancipação como grupo, radicalizou a experiência do fazer artístico actual.

Anton Vidokle
Night School
(2008)



Um projecto sob a forma de uma escola temporária encomendada pelo New Museum, em Nova Iorque. Na tradição das universidades livres, o artista organizou, durante um ano, uma série mensal de seminários com outros artistas, pensadores e comissários que, durante três dias, abordavam tópicos como "O que resta?", "Agenciamento artístico" e "Auto-organização". Este evento exemplifica a tendência mais radical de arte contemporânea, alicerçada na discussão de ideias e que combina o legado da *performance* e das utopias pedagógicas. Particpei nesta iniciativa como membro do "grupo principal", cerca de 25 jovens artistas, comissários e críticos que trabalhavam com os oradores numa sessão extra realizada em contexto informal.

Junto a 'Mãe e Filha' (2008), de Adriana Molder



Com 'Sr. Central' (2005), de Noé Sendas



2007
• E 'fellow' do Rhizome do New Museum de Nova Iorque.

2009
• Prepara uma retrospectiva de Joana Vasconcelos para o Museu Berardo.